

Manter as características originais da única cidade modernista reconhecida como Patrimônio Mundial da Humanidade pela Unesco permanece um desafio. Especialistas ressaltam a necessidade de medidas enérgicas de preservação e chamam a atenção para a necessidade de se descentralizar as atividades econômicas para outros locais do Distrito Federal

50 ANOS DE HISTÓRIA

1957
Um total de 41 projetos foi apresentado para a construção de Brasília, por 26 concorrentes. O plano piloto de Lucio Costa é escolhido vencedor do concurso. A construção do projeto iniciou-se neste ano. Antes, em 1956, as obras do aeroporto e do Palácio da Alvorada já haviam começado.

1960
Brasília é inaugurada, com dois dias de festividades. Os Três Poderes da República se instalaram aqui simultaneamente em 21 de abril de 1960.

Até a década de 80
A capital continuou sendo construída, mesmo depois de inaugurada. A Universidade de Brasília, por exemplo, foi oficialmente aberta em 1962. A Torre de TV em 1967, a Catedral em 1970, depois de 10 anos de construção, e o Parque da Cidade em 1978.

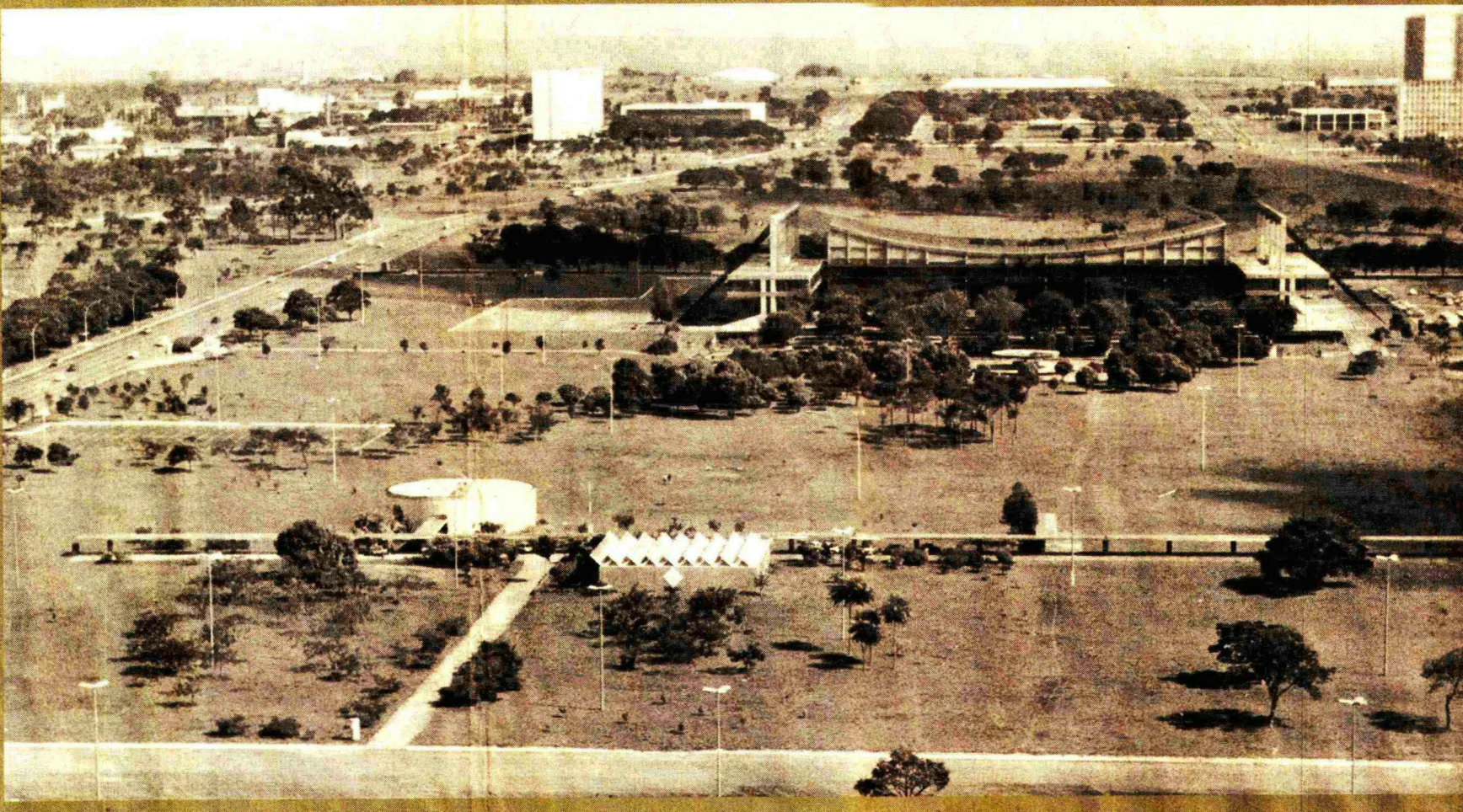
1985
O governador José Aparecido formalizou o pedido à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) para que Brasília fosse inscrita na Lista do Patrimônio Mundial. Diplomatas da delegação brasileira na Unesco e da embaixada do Brasil na França, sede da entidade, se mobilizaram para defender a proposta.

1987
Com apenas 27 anos, Brasília é protegida em duas instâncias. Em 14 de outubro, o GDF publicou o Decreto 10.829 que tombou o conjunto urbanístico, arquitetônico e paisagístico da capital, construído a partir do plano piloto de Lucio Costa. Em 7 de dezembro, a Unesco reconheceu Brasília como Patrimônio Cultural da Humanidade. O título representa o excepcional e único valor da cidade para a cultura da humanidade. Brasília é a única cidade modernista tombada no mundo e figura ao lado de Paris, Veneza, Cairo e Jerusalém, por exemplo. No Brasil, constam na lista do patrimônio, por exemplo, os centros históricos de Olinda (PE), Salvador (BA) e a cidade de Ouro Preto (MG).

1990
Três anos depois do tombamento local, o governo federal reconheceu a importância da preservação de Brasília e reforçou o tombamento do Plano Piloto. A inscrição no Livro do Tombo Histórico foi em 14 de março de 1990. Com a medida, a proteção de Brasília passou a ser fiscalizada pelo Iphan.

1997
No aniversário de 10 anos do tombamento, especialistas já demonstram as primeiras preocupações com a preservação de Brasília. As primeiras agressões já haviam surgido: os puxadinhos nas quadras comerciais e o excesso de publicidade. O grande número de carros em circulação pelas ruas também preocupava.

2000
No ano em que a população do Distrito Federal superou a marca de 2 milhões de habitantes, as agressões ao tombamento de Brasília chegaram aos olhos da Unesco. Denúncias de que a cidade sofria interferências, feitas pelo Conselho Internacional para Monumentos e Sítios (Icomos), levaram a entidade a enviar uma comissão para avaliar as condições de preservação da capital. O relatório apontou que Brasília ainda mantinha os conceitos originais que justificaram sua inclusão na lista de bens de interesse da humanidade. Mas os técnicos fizeram uma série de recomendações para que as intervenções não colocassem em risco o valor da cidade. Na lista de pedidos está a melhoria do transporte público, estudar a criação de novas áreas urbanas para evitar perturbações no Plano Piloto, evitar a construção de novos edifícios nos espaços livres ao redor de Brasília e restringir a ocupação à beira do Lago Paranoá.



VISTA DA TORRE DE TV EM 1987: URBANISMO PESOU NA DECISÃO DO TOMBAMENTO



IMAGEM DE 2007: CRESCIMENTO DESORDENADO AMEAÇA A JOVEM CAPITAL DO PAÍS

BRASÍLIA, 20 ANOS DEPOIS

GIZELLA RODRIGUES
DA EQUIPE DO CORREIO

Dois linhas que se cruzavam. Para muitos, seria uma cruz. Outros pensaram em um avião, um pássaro talvez. Mas jamais na imaginação comum aquele seria o desenho de uma cidade. As idéias do primeiro criador, somou-se a audácia de outro. Um homem que inaugurou uma nova forma de se viver na cidade. Ele projetou prédios de seis andares, cercados de verde e sustentados por colunas que deixavam livres as passagens para os pedestres entre os blocos. Cada quatro quadras formariam um conjunto habitacional, no qual os moradores teriam, a poucos metros de casa, escolas, lojas, clubes, templos religiosos. Esse sonho se realizou. Chama-se Brasília. Neste ano, o projeto inovador de Lucio Costa e Oscar Niemeyer completa 50 anos. Mais que isso, O ano de 2007 marca o aniversário de 20 anos de um reconhecimento internacional inédito concedido à cidade. A ousadia do projeto urbanístico, aliado à beleza do traço arquitetônico, deram à capital do país o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Uma honra concedida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (Unesco) em dezembro de 1987, quando

Brasília tinha apenas 27 anos. O título reconheceu o excepcional valor da cidade para a cultura da humanidade. Brasília é a única cidade modernista considerada patrimônio no mundo todo. Pode ser comparada aos centros históricos de Olinda (PE) e Salvador (BA) e à cidades como Paris, Veneza, Cairo e Jerusalém. "A inclusão de Brasília na lista foi uma decisão muito discutida dentro da Unesco. A proposta foi feita pelo então governador José Aparecido, mas era uma cidade atípica. Brasília é um bem contemporâneo, ainda estava em formação e era extremamente nova em comparação aos outros sítios considerados patrimônio", lembra a coordenadora do Setor de Cultura da Unesco no Brasil, Jurema Machado. A inscrição na Lista do Patrimônio, porém, não é apenas honraria. Ela acarreta responsabilidade ao governo local. Quando tem um bem incluído como patrimônio da humanidade, o país se compromete, mundialmente, a preservá-lo. No caso de Brasília, o cuidado deve ser dobrado. Dois meses antes de receber o reconhecimento da Unesco, o conjunto urbanístico, arquitetônico e paisagístico de Brasília foi tombado pelo GDF, como uma forma de preservar

intactos os traços de Lucio Costa e Niemeyer. "A importância maior do tombamento foi no sentido de preservar aspectos fundamentais do Plano Piloto de Lucio Costa. Assim, ao longo do tempo, se conserva o extraordinário testemunho da capacidade de realização da nação brasileira", afirma a arquiteta Maria Elisa Costa, filha de Lucio Costa. Manter, porém, as características originais de uma cidade em constante crescimento é um desafio. Os problemas das grandes cidades já são enfrentados pela jovem Brasília. O excesso de veículos em circulação no Plano Piloto, os puxadinhos nas quadras comerciais, outdoors espalhados por todos os cantos da cidade, insistentes invasões das áreas verdes, a ocupação da cobertura dos prédios residenciais, entre outras agressões, colocam em risco a preservação de uma cidade única no mundo. A realidade atual de Brasília acirra críticas de que o tombamento engessa o crescimento natural da cidade e suscita dúvidas de que o plano deve ser alterado. Os especialistas são unânimes ao dizer que o essencial do plano ainda está preservado. Mas todos ressaltam que é preciso ações mais enérgicas de proteção. Maria Elisa Costa, por exemplo, re-

“TOMBAMENTO CONSERVA O EXTRAORDINÁRIO TESTEMUNHO DA CAPACIDADE DE REALIZAÇÃO DA NAÇÃO BRASILEIRA”

Maria Elisa Costa, arquiteta e filha de Lucio Costa

a prontamente as propostas de mudanças. "As agressões resumem-se à incapacidade de perceber que Brasília tem a sua cara. As áreas livres não são azias, mas cheias de verde. Há uma vontade de fazer de conta que Brasília não é uma cidade única, de banalizá-la, de transformá-la em uma cidade qualquer", defende. Posição parecida tem o superintendente regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Alfredo Gastal. O Iphan também é responsável pela proteção de Brasília porque, três anos depois de ser tombada pelo governo local, a cidade também foi inscrita no Livro do Tombo Federal. "Essa proteção não é frescura. Existem dois tombamentos para proteger uma obra única. Não existe cidade como Brasília no mundo inteiro. A cidade não é dinâmica porque não é para ser mesmo. O tombamento a protege exatamente do jeito que ela é", afirma.

“HÁ UMA CONCENTRAÇÃO BRUTAL DE ATIVIDADES NO PLANO PILOTO. ISSO É PEDIR PARA SER DESTRUÍDO”

Frederico Flósculo, arquiteto e urbanista

fosse pela população que mora no Plano Piloto, o projeto de Lucio Costa, que previa 500 mil moradores em Brasília, estaria exatamente de acordo com a atual realidade da capital. Mas, para os especialistas, o que dá cara de grande cidade à Brasília é a concentração de atividades no Plano Piloto e a maior ameaça ao tombamento é o crescimento acelerado do Distrito Federal e a pressão que ele gera sobre a capital do país. O superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Alfredo Gastal, defende que o governo precisa estimular o desenvolvimento econômico das outras cidades do DF. Assim, tanta gente não iria para o Plano Piloto diariamente. "O próprio Lúcio Costa dizia que Brasília deveria ser a origem do planejamento do seu entorno. Ele foi feita para ser a capital federal e abrigar a burocracia. Não deve crescer tanto. A vida dela depende do crescimento regional. Hoje há uma falta de racionalidade de se olhar o DF como um todo", afirma. O arquiteto e urbanista Frederico Flósculo, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB), concorda. "Há uma concentração brutal de atividades no Plano Pi-

loto. Isso é pedir para ele ser destruído. Todo o mundo trabalha nele, todo mundo esmaga o plano que não deve crescer", diz. As agressões ao plano surgiram exatamente do crescimento desordenado do DF, aponta a coordenadora do Setor de Cultura da Unesco no Brasil, Jurema Machado. No caso dos puxadinhos, por exemplo, houve uma mudança no uso dos edifícios, planejados originalmente para atender aos moradores das superquadras mais próximas. "Hoje não é mais assim. O comércio atende a uma escala regional", diz Jurema, no entanto, defende ajustes toleráveis no plano. "Os problemas estão aí, não adianta fechar os olhos. É preciso cuidar dos excessos e criar um mínimo de tolerância. O problema é que a gestão é fraca demais e o plano fica intocável para não abrir precedentes." Transferir as atividades do GDF para Taguatinga foi a primeira medida adotada pelo novo governo para preservar o Plano Piloto. O secretário de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, Cássio Taniguchi, ressalta que o governo pretende transferir, definitivamente, as ações para fora de Brasília. "Vamos construir uma sede no eixo Taguatinga, Ceilândia e Samambaia. Além disso, é preciso fazer parcerias para a criação de empregos nessas cidades. Hoje, 70% dos postos de trabalho são no Plano Piloto", justifica. (GR)

EM 1987, A 302 NORTE TINHA UM BELO JARDIM ENTRE OS PRÉDIOS E A COMERCIAL



Julio Adriano/CB - 22/1/87

SINAIS DE AGRESSÃO AO PLANO URBANÍSTICO EM 2007: PUXADINHOS INVADEM A ÁREA PÚBLICA



TIRA-DÚVIDAS

O QUE É TOMBAMENTO?
É um ato administrativo realizado pelo Poder Público que visa preservar efetivamente, por intermédio de uma legislação específica, bens com valor material e cultural para a população. Quando um bem é tombado, significa que foram reconhecidas sua importância histórica, cultural, artística, arquitetônica, ambiental e afetiva. Deve, portanto, ser conservado, protegido e restaurado, permanecendo preservado para usufruto de todas as gerações.

QUAL É A ÁREA TOMBADA DE BRASÍLIA?
A área de proteção é delimitada a leste pela orla do Lago Paranoá, a oeste pela Estrada Parque Indústria e Abastecimento (EPIA), ao sul pelo córrego Vicente Pires e ao norte pelo córrego Bananal. Possui 112,25 km², é a mais extensa do mundo enquanto sítio urbano tombado, e abrange quatro Regiões Administrativas do DF: Brasília, Cruzeiro, Sudoeste/Octogonal e Candangolândia.

O QUE FERE O TOMBAMENTO?
O que é protegido em Brasília são as chamadas escalas urbanas, que são as relações entre áreas construídas e não construídas com a população que vive lá. O tombamento de Brasília é volumétrico, ou seja, não é possível alterar alturas dos prédios, por exemplo. Por isso, é até possível demolir todos os edifícios de uma superquadra e construir outros, mas o gabarito de seis andares, a taxa de ocupação, o pilotis livre, o acesso viário e a faixa verde devem ser mantidos. O desrespeito inclui, entre outros, cercar pilotis com grades e cercas vivas, construir apartamentos na cobertura dos blocos, ocupar áreas públicas nos comércio locais e instalar quiosques e barracas nas áreas verdes.

O QUE SÃO PILOTIS? SÃO COLUNAS ESTRUTURAIS QUE SUSTENTAM OS PRÉDIOS DAS SUPERQUADRAS. LUCIO COSTA PLANEJOU QUE OS PRÉDIOS SERIAM SUSTENTADOS POR PILOTIS PARA GARANTIR A LIVRE CIRCULAÇÃO DE PEDESTRES ENTRE OS BLOCOS.
QUANTAS SÃO AS ESCALAS URBANAS? E O QUE ELAS SIGNIFICAM?
Lucio Costa planejou quatro escalas em Brasília com o objetivo de criar relações diferenciadas do homem com o espaço urbano. A manutenção do Plano Piloto de Brasília só é assegurada pela preservação das características essenciais das quatro escalas.

A escala Monumental corresponde essencialmente à função cívico-administrativa da cidade e está presente desde a Praça dos Três Poderes até o final do Eixo Monumental. É a escala que confere a Brasília a marca efetiva de capital do País.
A escala Gregária é a de convívio no centro da cidade e é representada pelos setores em torno do cruzamento dos Eixos Monumental e Rodoviário. O centro urbano é o coração da cidade, o local mais propício ao encontro de pessoas, onde se previram edifícios mais altos e espaços mais ocupados.
A escala Residencial é representada pelas superquadras e entrequadras, a escala cotidiana da cidade. As superquadras proporcionaram uma nova maneira de viver, com blocos cercados por muito verde. As entrequadras complementam o uso residencial com atividades de lazer, educacional e de comércio.
A escala Bucólica é a parte de lazer ou recreação que confere a Brasília a característica de cidade-parque. As áreas verdes são partes integrantes do projeto de Lucio Costa, cumprem uma função urbana e não são áreas sem destinação. Portanto, é fundamental que seja mantido o equilíbrio entre as áreas verdes livres e as áreas edificadas.